



Alisamento compulsório do cabelo crespo: Impactos do racismo na subjetividade negra

*Compulsory straightening of curly hair: Impacts of racism on
black subjectivity*

*Alisado obligatorio del cabello rizado: Impactos del racismo en la
subjetividad negra*

Maylla Monnik Rodrigues de Sousa Chaveiro [*]

[*] Maylla Monnik Rodrigues de Sousa Chaveiro é doutora pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre e Graduada em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Psicóloga Clínica e Supervisora.
E-mail: maylla.chaveiro@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7581-105X>

Resumo: O presente artigo se dedica à compreensão do alisamento compulsório de cabelos crespos em pessoas negras e os impactos do racismo na subjetividade negra no Brasil. Entendemos o alisamento compulsório como estratégia do racismo para controlar e inferiorizar corporeidades afrodiaspóricas. Assim, buscamos analisar os múltiplos efeitos desse processo de embranquecimento na autoestima. Trata-se de um estudo no campo das relações étnico-raciais entrelaçando saberes da Psicologia, História, Sociologia, Antropologia e Filosofia. A metodologia utilizada neste artigo envolveu os seguintes procedimentos: 1) pesquisa de observação participante realizada em marchas de empoderamento e orgulho crespo em nove capitais entre os anos de 2013 a 2019; e 2) minhas próprias escrituras com meus cabelos crespos. Por fim, apresentamos a importância dos movimentos sociais de valorização da estética dos cabelos crespos como resistência ao racismo.

Palavras-chave: Alisamento compulsório, racismo, subjetividade, cabelo crespo, marchas de empoderamento/orgulho crespo.

Abstract: This article is dedicated to understanding the compulsory straightening of curly hair in black people and the impacts of racism on black subjectivity in Brazil. We understand compulsory smoothing as a strategy of racism to control and demean Afro-diasporic corporeities. Thus, we seek to analyze the multiple effects of this whitening process on self-esteem. It is a study in the field of ethnic-racial relations interweaving knowledge from Psychology, History, Sociology, Anthropology and Philosophy. The methodology used in this article involved the following procedures: 1) participant observation research carried out in empowerment marches and crespo pride in nine capitals between the years 2013 to 2019; and 2) my own writing with my curly hair. Finally, we

present the importance of social movements that value the aesthetics of curly hair as resistance to racism.

Keywords: Compulsory straightening, racism, subjectivity, curly hair, empowerment/curly pride marches.

Resumen: Este artículo está dedicado a comprender el alisado obligatorio del cabello rizado en personas negras y los impactos del racismo en la subjetividad negra en Brasil. Entendemos el suavizamiento obligatorio como una estrategia del racismo para controlar y degradar a las corporeidades afrodiaspóricas. Así, buscamos analizar los múltiples efectos de este proceso de blanqueamiento sobre la autoestima. Es un estudio en el campo de las relaciones étnico-raciales entrelazando conocimientos provenientes de la Psicología, la Historia, la Sociología, la Antropología y la Filosofía. La metodología utilizada en este artículo involucró los siguientes procedimientos: 1) investigación de observación participante realizada en marchas de empoderamiento y orgullo crespo en nueve capitales entre los años 2013 a 2019; y 2) mi propia escritura con mi cabello rizado. Finalmente, presentamos la importancia de los movimientos sociales que valoran la estética del cabello rizado como resistencia al racismo.

Palabras clave: Alisados obligatorios, racismo, subjetividad, pelo rizado, empoderamiento/marchas del orgullo rizado.

Este artigo é resultado de uma tese de doutorado que buscou analisar a articulação entre relações étnico-raciais, infâncias e estética negra a partir das informações obtidas com base em observação participante realizada em marchas e encontros de valorização do cabelo crespo e da revisão da literatura da área (Chaveiro 2020). Foram realizadas observações participantes durante o período de 2014 a 2019 em Marchas do Orgulho Crespo, Marchas do Empoderamento Crespo e Encontros de Crespas em nove capitais brasileiras (Salvador - BA, Rio de Janeiro - RJ, São Paulo - SP, Florianópolis - SC, Curitiba - PR, Porto Alegre - RS, Goiânia - GO, Mato Grosso – MT e Mato Grosso do Sul - MS) e algumas cidades do interior destes estados. Também realizamos observação participante nas redes sociais em grupos de *Facebook* e *Whatsapp* utilizando-se de tais espaços para levantamento de informações acerca das experiências de mulheres negras e homens negros sobre alisamento compulsório, do processo de transição capilar, *big chop* (grande corte), cuidados com os cabelos e resistências ao racismo.

Neste artigo, buscamos realizar uma análise acerca da noção de alisamento compulsório de cabelos crespos em pessoas negras como estratégia do racismo para controlar e inferiorizar corporeidades pretas. Este estudo justifica-se porque a estética negra e os cabelos crespos sofrem os ataques racistas há muitas décadas, produzindo distorções de imagem, baixa autoestima, transtornos

mentais, ansiedade, depressão, dificultando o autoconhecimento e atentando contra a plena existência de pessoas africanas em diáspora. Nesse sentido, a saúde mental, física e espiritual de pessoas negras, tem sido afetada ao longo de toda a vida, desde a infância (Chaveiro 2020; 2023a), ocasionando em prejuízos severos à constituição de subjetividade de africanos em diáspora (Chaveiro 2023b).

Defendo neste artigo que a branquitude elaborou estratégias que inferiorizam a estética negra como meios para dificultar/impedir que o povo negro se articule e se fortaleça para sua emancipação. Ou seja, os processos estéticos na verdade são contraestéticos quando a pessoa preta não possui conhecimento da ideologia do branqueamento como construção histórica e social que fundamenta o ato de alisar o cabelo em uma sociedade que foi colonizada. Sabe-se que uma pessoa preta com autoimagem positivada, elevada autoestima e conhecedora de sua história em perspectiva pré-colonial, não será manipulável e não irá reproduzir práticas racistas entre os seus. Uma pessoa preta consciente e comprometida com a luta de libertação do povo negro irá buscar auxiliar outros irmãos e irmãs no processo de ressignificar os efeitos da colonialidade¹ em suas vidas. Desse modo, sabe-se que o racismo é um processo de dominação subjetiva com o propósito de incapacitar e invalidar o sujeito negro, sendo fundamental desnaturalizarmos qualquer tipo de violência contra pessoas pretas, além de pensarmos em estratégias para romper com esta lógica colonial sobre nossa corporeidade.

Enquanto mulher negra, tive meus cabelos alisados compulsoriamente desde criança (não me lembro a idade) até os 30 anos, quando finalizei a transição capilar. As vivências nas marchas de empoderamento crespo e minhas próprias experiências com o processo de transição capilar constituíram o ponto de partida para a escrita deste artigo. Tendo em vista esses aspectos, me situo simultaneamente enquanto pesquisadora-participante no decorrer do desenvolvimento desta investigação. Em outros termos, as discussões em torno da valorização da estética negra me envolveram de várias maneiras, atravessando minhas práticas acadêmicas, posicionamentos ético-políticos e produções artístico-subjetivas. Por isso mesmo, me apropriei do conceito de “*escrevivência*” elaborado pela doutora em Letras, romancista e ensaísta Conceição Evaristo na apresentação de seu livro “Becos da Memória”.

Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção. Nesse sentido venho afirmando: nada que está narrado em Becos da memória é verdade, nada que está narrado em Becos da Memória é mentira. Ali busquei escrever a ficção como se

¹ De acordo com Aníbal Quijano (Quijano 2005), a colonialidade é a perspectiva de que, mesmo com o fim do colonialismo, a lógica de relação colonial ainda persiste mediando os saberes e práticas na sociedade.

estivesse escrevendo a realidade vivida, a verdade. Na base, no fundamento da narrativa de Becos está uma vivência, que foi minha e dos meus. Escrever Becos foi perseguir uma escrevivência. (Evaristo 2017, 10).

Nessa perspectiva, entendo a escrita deste artigo também como uma interpretação de escrevivência, pois busquei desconsiderar a dicotomia sujeito-objeto, adotando uma postura epistemológica e metodológica que favorecesse as construções intersubjetivas com pessoas e situações no decorrer deste processo. Por isso mesmo, tentei seguir o fluxo contínuo das dinâmicas discursivas, escrevivendo de maneira relacional e complementar.

Desse modo, posso dizer que a construção desta pesquisa esteve alicerçada tanto na compreensão de identidades étnico-raciais durante minha participação nos movimentos, como também esteve fundamentada na elaboração cotidiana de escritos no diário de campo ao longo dos sete anos de pesquisa sobre cabelo crespo. Ao escrever sobre as múltiplas percepções que os movimentos sociais me proporcionaram, eu também ressignificava meu processo de transição capilar revivendo-o em tantas dimensões, tornando cada vez mais complexa a trama das experiências dolorosas de mutilação a partir do alisamento compulsório de meus cabelos. Talvez, a fase de dor tenha sido superada, transformando-se em autoconhecimento ao reviver incontáveis vezes minhas próprias experiências através dos discursos de outras pessoas em encontros, marchas, músicas, filmes, fotografias e propagandas de televisão.

Neste artigo, primeiramente serão apresentadas algumas reflexões acerca da noção de raça e racismo. Posteriormente, vamos apresentar a noção de alisamento compulsório e seus efeitos sobre a subjetividade e autoestima de pessoas negras. Por fim, discutiremos sobre a relevância das marchas de orgulho e de empoderamento crespo que cabelo como expressão de arte, negritude, identidade e resistência ao racismo. Este artigo possibilita que pessoas negras entendam os impactos, em perspectivas históricas e sociais, do alisamento compulsório sobre suas vidas. Também pode conduzir à reflexões de pessoas brancas, as quais talvez ainda possam desconhecer os efeitos do racismo no Brasil, para que tenham condições de repensar suas práticas racistas cotidianas.

Reflexões sobre Raça e Racismo

A ideia de raça é uma crença fictícia com base em uma pseudocientífica que surge no século XIX para justificar a hierarquia e dominação de alguns povos sobre os outros. Nesta formulação, as pessoas brancas criaram critérios estéticos, científicos, políticos e jurídicos para impor a ideia de que a raça branca seria superior às demais seres humanos não-brancos. O conceito de raça não está

relacionado à perspectiva biológica, mas sim aos aspectos sócio-históricos capazes de reproduzir desigualdades e privilégios. De acordo com Kabengele Munanga:

A realidade da raça não é mais biológica, mas sim histórica, política e social. A palavra continua sendo usada como uma categoria de análise para entender o que aconteceu no passado e o que acontece no presente. O nó central do problema não é a raça em si, mas sim as representações dessa palavra e a ideologia dela derivada. Se até o fim do século XIX e início do século XX, o racismo dependeu da racionalidade científica da raça, hoje ele independe dessa variante biológica. Ou seja, o racismo no século XXI se reconstrói com base em outras essencializações, notadamente culturais e históricas e até aquelas consideradas politicamente corretas como a etnia, a identidade e a diferença cultural. (Munanga 2010, 11).

Silvio Almeida, advogado, filósofo e professor universitário brasileiro, atual ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil, aborda sobre o funcionamento do racismo estrutural no Brasil. Em seu livro *“Racismo Estrutural”* publicado em 2018, Silvio Almeida defende que a sociedade só pode ser compreendida a partir dos conceitos de raça e de racismo, além de apontar que estes conceitos devem ser compreendidos em perspectiva interdisciplinar. Isto porque o racismo estrutural opera a partir da integração entre os campos das relações econômicas, jurídicas, políticas, ideológicas a fim de conceder privilégios aos interesses de pessoas brancas em detrimento de pessoas negras e indígenas.

Nesta perspectiva, Silvio Almeida (Almeida 2018) elucida que o conceito de raça é construído historicamente enquanto produto da modernidade na formação dos Estados modernos, a partir da expansão comercial burguesa e com o domínio da cultura renascentista a qual elegeu o homem branco-europeu-cristão como sendo o modelo universal de ser humano. Desse modo, o homem branco e cristão foi construído historicamente como ser superior, e com isso, as outras pessoas são compreendidas como menos evoluídas e inferiores. Esta ideologia fundamenta que os corpos e os saberes de pessoas não brancas possam ser inferiorizados e diminuídos com aval científico do determinismo biológico no século XIX.

Para Silvio Almeida, o racismo "se materializa como discriminação racial" e "processo de condições de subalternidade e de privilégio" (Almeida 2018, 27). Assim, a falsa supremacia branca segue sendo consolidada por meio das instituições de poder. E com a estética corporal não é diferente, pois a corporeidade reflete o projeto ideológico de embranquecimento, sendo submetida à realização de constantes alisamentos físico-químicos em cabelos crespos. Sobre esse ponto, Sovik traz as seguintes reflexões:

ser branco exige pele clara, feições europeias, cabelo liso; ser branco no Brasil é uma função social e implica desempenhar um papel que carrega em si uma certa autoridade ou respeito automático, permitindo trânsito, eliminando barreiras. (Sovik 2004, 366).

O conceito de branquitude é historicamente construído e representa uma posição de poder, ou seja, atua como um lugar de privilégio na sociedade estruturada pelo racismo (Schucman 2014). Nesse sentido, é fundamental que as pessoas brancas na sociedade brasileira busquem repensar sobre os privilégios de terem sua estética aceita e que queiram reparar os danos causados pelo alisamento compulsório na autoestima e subjetividade de pessoas pretas no Brasil. Pessoas brancas receberam muitos elogios ao longo de sua vida simplesmente por terem o cabelo liso e este cenário é também reflexo do racismo, pois pessoas negras, por sua estética, receberam críticas, rejeição e violência desde a infância. Assim, pessoas brancas com seus cabelos lisos obtiveram dois tipos de privilégios: 1) privilégios simbólicos (elogios e afeto; respeito; validação; saúde mental, física e espiritual; suporte social); 2) privilégios materiais (não gastam o dinheiro com alisamentos; não direcionam tempo para procedimentos que alterem sua estética capilar; oportunidade de emprego). Desse modo, é fundamental que as pessoas brancas também se insiram no debate de modo a reparar as violências racistas foram praticadas ao longo de séculos contra a estética dos cabelos crespos de pessoas pretas. Segundo Lia Schucman:

(...) precisamos que haja por parte dos sujeitos brancos - além da aquisição da consciência de sua racialidade e de que são precursores de mudanças em seus micro-lugares de poder e atuação - uma mudança estrutural nos valores culturais da sociedade como um todo. É preciso que a branquitude, como lugar de normatividade e poder, se transforme em identidades étnico-raciais brancas onde o racismo não seja o pilar de sua sustentação. (Schucman 2014, 92).

A imagem abaixo ilustra, de maneira inversa, como tem sido a infância de muitas crianças negras que não possuem uma construção de identidade positivada, sendo que a grande maioria de bonecas e brinquedos sempre seguiram um padrão estético eurocentrado. É muito provável que este cenário tenha influenciado muitas crianças negras a não gostarem de seu corpo, da textura e cor de seus cabelos, sua pele, seu nariz... Por séculos as pessoas negras foram subalternizadas e crianças negras não tiveram direito de existir para além da narrativa de violência, dor e sofrimento que o racismo impõe. Assim, como estratégia colonial, as crianças negras não tiveram representatividade em seus brinquedos, filmes, desenhos, e esse fator ainda influencia na autoimagem e subjetividade de pessoas negras (imagem 1).

Imagem 1 - Desnaturalizando: Criança branca em loja de brinquedos em que todas as bonecas são pretas



Fonte: *Facebook* Associação Nacional da Advocacia Negra

Essas questões remetem à concepção da imagem do cabelo crespo-alisado como possibilidade de perpetuação do racismo na sociedade brasileira, pois representa, supostamente: o controle da corporeidade africana em diáspora, a ruptura com os elementos fundamentais da cosmopercepção africana, a insensibilidade à vibração de nossa memória ancestral. De acordo com o pensamento de Muniz Sodré:

Assim, na incontestável igualdade material do corpo humano, o racismo infiltra-se sob forma de um valor eurocêntrico e pleno, supostamente universal, que cria a falsa universalidade do inumano pleno, o diverso. Pelo paradigma da branquitude, ser branco tornou-se modernamente uma injunção moral, e a segregação racial instituiu-se como fato civilizatório. (Sodré 2018, 11).

Assim, a falsa supremacia racial branca criou critérios aleatórios a fim de manter e justificar relações de poder sobre povos negros e indígenas ao longo dos séculos. Consideramos que a valorização da estética eurocentrada seja uma destas estratégias racistas, na medida em que produz violência física e simbólica contra o povo negro, diminuindo a autoestima e empoderamento, elementos cruciais à emancipação e autonomia.

Alisamento Compulsório: Entre Escovas Progressivas e Escovas Inteligentes

Alisar o cabelo é um processo pelo qual o cabelo naturalmente crespo é transformado em um cabelo mais liso e reto, utilizando produtos químicos ou/e processos térmicos como o calor. Isso pode ser feito com tratamentos permanentes, como relaxamento ou alisamento, ou temporários, como o uso de chapinhas ou escovas térmicas. Neste artigo, o conceito de alisamento compulsório é entendido como o processo de impor a violência colonial por meio do alisamento que frequentemente se inicia com crianças muito novinhas as quais crescem com muitas questões subjetivas (Chaveiro 2020).

Crianças negras, antes mesmo de nascerem já estão imersas em uma realidade social alicerçada pelo racismo. Suas famílias pretas desejam que se nasça uma criança com cabelos lisos, pele e olhos mais claros, na tentativa de seguir com o projeto de branqueamento. O cabelo crespo em uma sociedade estruturalmente racista foi se tornando um lugar para possibilidade desse embranqueamento, tanto no sentido estético, quanto no sentido subjetivo. Um cabelo crespo-alisado² impedia que pessoas negras se acolhessem e se tocassem com afeto e amor. Quantos cafunés foram negados por ser o alisamento um procedimento ‘*caro*’? Quantos crespos-alisados fugiram de banhos de chuva, banhos de rio, banhos de mar, banhos de ervas... por medo de que a água fizesse vir à tona nossas raízes? Quantos corpos se tornaram imóveis para que o vento, a dança, o beijo, o riso, o sono, o sexo, a vida... não os despenteassem?

Nossa pesquisa nas marchas de valorização dos cabelos crespos (Chaveiro 2020) aponta que os alisamentos em cabelos crespos também funcionavam como estratégia para que pessoas negras fossem aceitas em espaços sociais como no mercado de trabalho, nas igrejas, e nas universidades, por exemplo. Ou seja, alisar o cabelo crespo representava também possibilidade de ascensão social e poder econômico, visto que a estética branca seria o ideal a ser atingido como a beleza verdadeira. Muitas participantes das marchas relataram que em algum evento formal como casamento, formatura ou entrevista de emprego, elas alisavam o cabelo para passar uma imagem de mais respeito e prestígio social.

O alisamento compulsório do cabelo crespo pode ser compreendido de maneira interseccional. A interseccionalidade é uma ferramenta teórico-metodológica que consegue capturar

² Ao desenvolver o termo crespo-alisado, procuro dar ênfase para o fato de que, mesmo que seja aparentemente alisado, continuará a ser crespo em suas raízes ancestrais.

a convergência entre vários lugares sociais simultaneamente (Crenshaw 2002; Akotirene 2018). Desse modo, categorias como raça/etnia, gênero, geração, orientação sexual, religiosidade/espiritualidade, capacidade, regionalidade/nacionalidade se entrelaçam produzindo experiências complexas acerca do alisamento compulsório. Nesta perspectiva, compreendemos que o ato de alisar o cabelo pode ocorrer a partir do entrecruzamento entre eixos do racismo, machismo, etarismo, adultocentrismo, lgbtfobias, capacitismo. O trecho a seguir é um relato de bell hooks sobre sua própria experiência de alisamento e elucida a interseccionalidade entre raça/etnia (negra), gênero (ser mulher), geração (criança), nacionalidade (afro-estadunidense):

Nas manhãs de sábado, nos reuníamos na cozinha para arrumar o cabelo, quer dizer, para alisar os nossos cabelos. Os cheiros de óleo e cabelo queimado misturavam-se com os aromas dos nossos corpos acabados de tomar banho e o perfume do peixe frito. Não íamos ao salão de beleza. Minha mãe arrumava os nossos cabelos. Seis filhas: não havia a possibilidade de pagar cabeleireira. Naqueles dias, esse processo de alisar o cabelo das mulheres negras com pente quente (inventado por Madame C. J. Waler) não estava associado na minha mente ao esforço de parecermos brancas, de colocar em prática os padrões de beleza estabelecidos pela supremacia branca. Estava associado somente ao rito de iniciação de minha condição de mulher. Chegar a esse ponto de poder alisar o cabelo era deixar de ser percebida como menina (a qual o cabelo podia estar lindamente penteado e trançado) para ser quase uma mulher. Esse momento de transição era o que eu e minhas irmãs ansiávamos. (Hooks 2005).

Assim, o conceito de alisamento compulsório representa um processo em que a pessoa tem seu cabelo alisado sem, no entanto, compreender a complexidade das dinâmicas ideológicas do branqueamento como construção histórica e social que fundamenta esta prática em uma sociedade que foi colonizada. Nesse sentido, são reproduzidos os estereótipos raciais contraestéticos elaborados pela branquitude, os quais dificultam o autoconhecimento, a emancipação e a autogestão de pessoas negras. Em outros termos, o alisamento compulsório tem sido imposto, por exemplo: às crianças, às pessoas que não tenham letramento étnico-racial, às pessoas negras em famílias inter-raciais; perpetuando violências contra a corporeidade negra.

Nesse sentido, a dimensão simbólica dos nomes utilizados para se referir aos processos de alisamento que têm vigorado no Brasil nas últimas décadas revelam as engrenagens de um país racista. Pessoas crespas, ao serem levadas a passar por procedimentos tais como, escovas *progressivas*, escovas *inteligentes*, escovas *inglesas*, compreendem que seus cabelos crespos são, ao contrário do progresso, são o retrocesso; fúteis e tolos, em oposição à inteligência; enquanto se reafirma também a suposta supremacia colonial de países ocidentais, a partir do termo *escova inglesa*. São códigos que remetem à interiorização de que cabelos crespos precisam ser domados, controlados e agenciados a partir de uma ótica da supremacia da branquitude.

Sendo assim, é viável pensar que o alisamento compulsório possa ser, inclusive, uma estratégia da branquitude para desorientar existencialmente o povo negro em diáspora. Não “apenas” uma tentativa da pessoa negra se embranquecer e se assemelhar ao colonizador na tentativa inútil de fugir do racismo, mas vejo também como uma estratégia da branquitude para naturalizar a violência contra corpos de pessoas pretas também no âmbito estético. Podemos ver abaixo uma imagem de alguns instrumentos de alisamento que foram muito utilizados antes das chapinhas elétricas. Parecem inclusive com instrumentos de tortura, pois era essa a simbologia para muitas de nós (imagem 2). Por isso, as imposições coloniais sobre a estética de pessoas negras trazem inúmeras consequências para o povo africano em diáspora.

Imagem 2 - Chapinha, Pente Quente, Marcel pequeno e Marcel Grande



Fonte: <http://negrarosarosanegra.blogspot.com/2011/01/cabelos.html>

Na sequência, elaboramos uma tabela para sistematizar os efeitos do alisamento compulsório na vida de pessoas pretas. Este quadro foi criado com base em minhas próprias experiências durante 30 anos tendo o cabelo alisado e também com a observação participante nas marchas de orgulho e empoderamento crespo no Brasil. Pudemos perceber que, assim como o racismo estrutural, o alisamento compulsório traz consequências multidimensionais que podem ser analisadas em perspectivas interdisciplinares. Assim, o alisamento compulsório pode provocar efeitos como: 1) distorção de imagem, pois as pessoas negras de cabelos crespos vão se distanciando da consciência

de sua própria corporeidade; 2) violência corporal, pois o processo geralmente provoca lesões e queimaduras no couro cabeludo e na face; 3) queda de cabelo em função dos produtos químicos e físicos; 4) disfunções sexuais, pois a pessoa aprende que seu corpo não merece receber afeto e carinho; 5) baixa autoestima podendo refletir em vários campos da vida (profissional, social, familiar). Minha hipótese é a de que o sistema colonial se organiza intencionalmente contra os cabelos crespos, por saber da importância, para o povo negro, de uma autoimagem positivada e de um *Ori* equilibrado. Ou seja, não se trata “apenas” de se parecer com uma pessoa branca com cabelo liso, mas envolve também a dimensão de não ser uma pessoa africana em diáspora, o que poderia dificultar o avanço do sistema colonial eurocentrado.

Tabela 1- Efeitos do alisamento compulsório à constituição de afro subjetividade

| Alisamento Compulsório | Consequências físicas, emocionais e espirituais |
|-------------------------------------|---|
| Escovas progressivas e Inteligentes | Quando se coloca na situação de fazer uma escova inteligente ou progressiva, a pessoa preta pode seguir introjetando o discurso de que não é inteligente e não tem poder para construir outros futuros fora da lógica racista. |
| Violência contra <i>Ori</i> | <i>Ori</i> é um importante conceito filosófico e metafísico dos Yorubás que significa cabeça. De acordo com Wade Nobles (2009), <i>Ori</i> é entendido como guardião do eu, a essência da pessoa, aquele que a protege, o que influencia a personalidade. Na cosmologia africana, a cabeça é a <i>origem</i> , e é por meio dela que as pessoas se individualizam. Desse modo, defendo neste texto que colocar produtos químicos e violentar o <i>Ori</i> é algo muito sério para a cosmologia Yorubá. Principalmente pessoas negras que sejam filhas de orixás funfun, como Oxalufã, nunca poderiam ter seu <i>Ori</i> aquecido, pois esta energia ancestral é mais compatível com o frio, o que pode “des-ori-entar” espiritualmente e emocionalmente a pessoa preta. Talvez, as violências direcionadas a <i>Ori</i> pelo sistema colonial, possam ter sido conscientes e intencionais, visto que representa um importante centro de força e equilíbrio para o povo negro. |
| Investimento do Tempo | Os procedimentos contraestéticos e coloniais demandam tempo de vida de pessoas pretas, as quais poderiam estar vivenciando experiências de afeto e de um real autocuidado em perspectiva afrocentrada, ou buscando conhecer sua própria história ancestral, por exemplo. |

| | |
|---|---|
| | |
| Investimento de Dinheiro | Os procedimentos contraestéticos e coloniais frequentemente custam caro e esse valor poderia estar sendo investido e direcionado para potencialização de projetos de fortalecimento da família preta, para negócios, viagens, estudos. Ou seja, o alisamento compulsório também fortalece o grupo de pessoas brancas ao passo que promove desarticulação financeira de pessoas negras. |
| Formação da sexualidade | O modo como o corpo da criança é tocado na infância pode influenciar na construção de sua sexualidade. O desenvolvimento da sexualidade perpassa pela percepção que a criança tem sobre o valor de seu corpo e se ele merece ou não ser respeitado. O alisamento compulsório é um processo muito violento e doloroso e, assim, a criança pode elaborar que seu corpo só pode ser tocado a partir da dor. Ela pode até mesmo associar o amor à violência, isto porque, muitas vezes a própria família (mãe, tias, avós, pai) penteiam o cabelo das crianças pretas reproduzindo violência e passando mensagens de que tem algo errado com seu corpo/cabelo. Ao chegar na fase adulta, esta pessoa pode ter várias disfunções sexuais em decorrência do alisamento compulsório ao longo da infância e adolescência. Além disso, o processo de alisamento compulsório pode dificultar na construção de vínculos afetivos e amorosos saudáveis. |
| Queimaduras na cabeça/face e intoxicação com os produtos químicos | O alisamento compulsório pode provocar muitas queimaduras, desconforto, ou até mesmo intoxicação com os produtos que são muito fortes. Se a pessoa for alérgica e não souber, há inclusive risco de perder a vida. |

Fonte: Elaboração Própria

Pudemos perceber que um alisamento compulsório pode influenciar de várias formas a vida de uma pessoa preta. Não se trata unicamente de estética, mas de um processo muito complexo que está alicerçado no racismo e se propõe à desarticulação coletiva e sistemática do povo africano em diáspora. Com isso, na próxima sessão estaremos dialogando acerca da importância das marchas de orgulho e de empoderamento crespo que aconteceram no Brasil nos últimos anos, defendendo que a ancestralidade africana pulsasse livremente nos corpos de pessoas negras a partir das raízes crespas.

Marchas de empoderamento/orgulho crespo e Transição Capilar como Resistência ao Racismo

As marchas de empoderamento e de orgulho crespo apareceram como uma possibilidade de diálogo com epistemologias concebidas a partir dos moldes específicos do Sul. Os discursos criados a partir das experiências vividas nas marchas permitem uma reelaboração de estereótipos criados sobre os corpos de pessoas negras no Brasil, favorecendo que ciclos de violências de gênero e racismo sejam refletidos a partir de novos reposicionamentos políticos.

Essas marchas colocam em xeque a noção de mestiçagem no Brasil e trazem para o centro da discussão a constituição da identidade negra no país. De acordo com Kabengele Munanga (Munanga 1999, 15), a elite brasileira com seu ideário de branqueamento da população “roubou dos movimentos negros o ditado ‘a união faz a força’ ao dividir negros e mestiços e ao alienar o processo de identidade de ambos”.

As marchas e encontros têm como objetivo principal o fortalecimento da rede de apoio entre pessoas crespas que já concluíram, desejam realizar ou estão passando pelo processo de transição capilar (imagem 3). Segundo Larisse Gomes (Gomes 2017), esse processo consiste em assumir o cabelo com sua textura natural por meio do corte no comprimento que contém o alisamento permanente. Nesses espaços de trocas, as mulheres se apresentam e contam suas vivências durante esse processo compartilhando memórias umas com as outras. A partir desses momentos, há um fortalecimento para que a transição seja concluída, reelaborando identidades étnico-raciais. Nesse sentido, a reapropriação da estética significa, ao mesmo tempo, o reconhecimento das origens, história e cultura do povo negro no Brasil.

Imagem 3 - Início da 2ª Marcha do Orgulho Crespo, São Paulo-SP em 2016



Fonte: (Foto: Suamy Beydoun/Futura Press/Estadão Conteúdo). Site:

<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/08/mulheres-participam-da-2-marcha-do-orgulho-crespo-em-sao-paulo.html>

A noção de empoderamento é bastante discutida nestes eventos. De acordo com Ivy de Mattos (Mattos 2015, 49), o conceito de empoderamento tem sido crucial para a afirmação estética, por meio da qual é possível ressignificar o cabelo crespo como importante elo para o enfrentamento ao racismo. As autoras Dailza Araújo Lopes e Angela Figueiredo (Lopes e Figueiredo 2019) também ressaltam a importância da perspectiva de empoderamento para estes movimentos sociais:

(...) o termo empoderamento aparece de forma significativa nos discursos realizados pelas mulheres que estão à frente dos Coletivos de crespas e cacheadas em Salvador/BA, tanto nos grupos do Facebook, como nos encontros realizados, tornando-se assim um conceito chave dentro da temática. É utilizado como uma nova forma de ver, vivenciar e analisar as mais variadas experiências em relação ao cuidado com o cabelo natural, que dentro dessa realidade dos grupos de mulheres negras crespas e cacheadas atua na desconstrução de paradigmas e em denúncias de casos de racismo e incentivo e apoio no período da transição capilar (Lopes e Figueiredo 2019, 16).

Nesta perspectiva, o momento que antecede as marchas pelas ruas consiste em um palco com microfone aberto para que as pessoas negras possam falar sobre suas experiências com seus cabelos crespos. Este momento é muito importante pois visa o empoderamento de pessoas crespas, e a troca de vivências e partilha de afeto. Nesse contexto, as pessoas são encorajadas a falar sobre a transição capilar, contando as dificuldades enfrentadas durante esse processo e relatando episódios de racismo que já sofreram na vida. Enquanto falam sobre essas dolorosas lembranças, muitas se emocionam e se percebem emaranhadas nas histórias umas das outras. Ressaltamos, que este

momento é importante para compreender que estas situações, possivelmente vividas como individuais, se repetem com pessoas que nem ao menos se conhecem, e, por isso pode ser considerado como recurso afropedagógico para que pessoas negras se percebam em rede, buscando teoricamente a sistematização da construção histórica do racismo enquanto parte da estrutura de uma sociedade escravocrata. Segundo a autora Ivy Guedes Mattos:

A insurgência das mulheres negras em descolonizar uma estética capilar escrava dos alisamentos e das químicas agressivas faz com que a indústria de cosméticos, da propaganda e da beleza reveja seus conceitos. O conceito empoderamento torna-se o fio condutor desta nova discussão sobre afirmação estética onde o cabelo como signo de negritude deixa de ser um elemento negativo e se ressignifica na diáspora como impulsor do enfrentamento ao racismo. Empoderar nesse contexto é usar das ferramentas da tecnologia da informação nesse caso as redes sociais e fazer com que não só as mulheres negras mas outros atores sociais ampliem recursos e condições que lhes permitam ter voz, e maiores oportunidades de trocas entre os pares, alavancar novas capacidades de ação e decisão especialmente nos problemas que mais afetam suas vidas, em diversas situações seja na escola, no trabalho, nas instituições e repartições públicas bem como nos espaços de sociabilidades. Desse modo, entendo que o movimento de mulheres negras pelo empoderamento do cabelo crespo surge na contemporaneidade como um signo de apropriação de negritude anteriormente negado e silenciado pelo padrão branco de beleza. (Mattos 2015, 49-50).

As impressões sobre o campo também foram sendo transformadas no decorrer de cada evento que participamos, não só porque é esse o movimento próprio da constituição subjetiva, mas também porque eu me encontrava em processo de transição capilar reinterpretando minha estética corporal. Abaixo apresentamos um registro fotográfico do encontro de crespas em Florianópolis-SC em 2017 (imagem 3).

Figura 3 - 2º Encontro das Amigas Crespas da Grande Florianópolis no ano de 2017



Fonte: *Facebook* Amigas Crespas de Floripa

Crianças que não passaram por processos desrespeitosos à sua condição existencial negro-africana por meio de alisamentos compulsórios, provavelmente não demandarão tanta energia para entender a importância de seus corpos como a continuidade viva de seus antepassados. Desse modo, a partir das categorias de análise de ancestralidade, infância em afroperspectiva (Noguera 2019) e de valorização da estética negra refletimos também sobre o movimento ‘*Mãe, não alisa!*’ nas marchas e encontros de cabelos crespos, situando as crianças negras como agentes ao solicitar que seus tutores não as insiram no ciclo de violência racista por meio do alisamento compulsório (Chaveiro e Minella 2021). Nesse sentido, proteger psicologicamente as cabeças e cabelos crespos de crianças negras seria um caminho profícuo para o desenvolvimento de *orientação* emocional afroperspectivista, indicando novas potencialidades afrodiaspóricas com o fortalecimento da ancestralidade africana no Brasil (Chaveiro 2020).

Nesse resgate, tanto estético como epistêmico, foi necessário desaprender muitas concepções de verdade assimiladas no decorrer do meu processo de formação intelectual disciplinar, o qual esteve interligado, mesmo que indiretamente, ao alisamento e apagamento existencial de minhas raízes. Esta imersão subsidiou a busca pela construção de novos valores por meio de diálogos virtuosos com alguns campos do conhecimento. A transição capilar representou um terreno profícuo para recomeçar trilhando distintos caminhos de pesquisa, alicerçados ontologicamente no reconhecimento da minha localização histórica e existencial.

Considerações Finais

As interpretações deste artigo foram desenvolvidas a partir das categorias explicativas de ancestralidade africana e da valorização da estética negra. Compreendemos neste trabalho as potencialidades do cabelo crespo enquanto fio condutor para reelaboração da subjetividade afrodiaspórica como um dos componentes fundantes da ancestralidade negra. Principalmente em contextos de desterritorialização afrodiaspórica, o corpo negro pode ser considerado como morada em nível ancestral, sendo assim, entendemos que é no próprio corpo que o pensamento cosmológico africano é *confirmado*.

Entendemos, conforme o ponto de vista de Nilma Lino Gomes, que nos constituímos a partir do olhar dos outros sobre nós:

Partindo da ideia de que a identidade negra é construída não só a partir do olhar que o negro tem de si, mas também da relação que ele tem com o olhar do outro sobre ele próprio. Assim, não é só o que é refletido no espelho que importa, mas o que se vê além do espelho também constitui a subjetividade

da população negra a partir da linguagem da branquitude. A sociedade também atua como um espelho que joga com imagens e com padrões estéticos. (Gomes 2006, 16).

Nesse sentido, compete também às pessoas brancas romperem com práticas racistas ao supervalorizarem sua estética para que as pessoas negras possam seguir ressignificando os impactos do racismo em sua corporeidade e cabelo crespo. Este artigo colaborou para reflexões acerca da subjetividade de pessoas negras em diáspora, as quais tiveram que lidar com o apagamento da memória, história e cultura. Entendemos que o cabelo crespo como expressão de poder e ancestralidade foi também lugar de apagamento da potência africana para que o projeto colonial pudesse tomar espaço. Em outras palavras, a autoestima do povo preto está alinhada com a ruptura com o alisamento compulsório, a fim de fortalecer a saúde mental e subjetiva em perspectiva anticolonial.

Frantz Fanon, um importante intelectual, médico psiquiatra e ativista, afirma que “a descolonização é sempre um fenômeno violento” (Fanon 1961, 30; Kilomba 2019). Desse modo, romper com os estereótipos de alisamento compulsório é importante, mas não é algo fácil em um contexto tão racista como na sociedade brasileira. Sabemos, que a colonização é nociva à subjetividade de pessoas africanas em diáspora e o eurocentrismo se manifesta através de projeções narcísicas sobre si (Ani 1994), assim, é imprescindível refletirmos acerca da potência dos cabelos crespos para a descolonização subjetiva de pessoas negras em diáspora.

Referências Bibliográficas

Akotirene, Carla. 2018. *O que é interseccionalidade?*. Belo Horizonte: Letramento, Justificando.

Almeida, Silvio. 2018. *Racismo estrutural*. Pólen Produção Editorial LTDA.

Ani, Marimba. 1994. *Yurugu: uma crítica africano-centrada do pensamento e comportamento cultural europeu*. Trenton: Africa World Press. <https://estahorareall.wordpress.com/2015/08/07/dr-marimba-ani-yurugu-uma-critica-africano-centrada-do-pensamento-e-comportamento-cultural-europeu/>.

Chaveiro, Maylla Monnik Rodrigues de Sousa e Luzinete Simões Minella. 2021. "Infâncias Decoloniais, Interseccionalidades e Desobediências Epistêmicas." *Cadernos de Gênero e Diversidade*, 7 (1): 99-117. <https://doi.org/10.9771/cgd.v7i1.43661>.

Chaveiro, Maylla Monnik Rodrigues de Sousa. 2023a. "Infâncias afrofuturistas, cabelo crespo e sankofa: a estética como estratégia de resistência." *ODEERE*, 8 (1): 176-191. <https://doi.org/10.22481/odeere.v8i1.12338>.

Chaveiro, Maylla Monnik Rodrigues de Sousa. 2023b. "PSICOLOGIA AFRICANA E CLÍNICA AFROCENTRADA: ESTRATÉGIAS E FERRAMENTAS METODOLÓGICAS." *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, 16 (Edição Especial): 1-27. <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1590/1429>.

Chaveiro, Maylla Monnik Rodrigues de Sousa. *Cabelos crespos em movimento(s): infância e relações étnico-raciais*. 2020. Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/216697>.

Crenshaw, Kimberlé. 2002. "Documento para encontro de especialistas em Aspectos da Discriminação Racial relativos ao Gênero." *Revista de Estudos Feministas*, 10 (1): 171-188.

Fanon, Frantz. 1961. *Os condenados da Terra*. Lisboa: Editora Uliseia Limitada.

Gomes, Larisse Louise Pontes. "'Posso tocar no seu cabelo?' Entre o liso e o crespo: transição capilar, uma (re) construção identitária?." 2017. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

Gomes, Nilma Lino. 2003. "Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo." *Educação e Pesquisa*, 29 (1): 167-182. <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27905>.

Gomes, Nilma Lino. 2008. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica.

Hooks, Bell. 2005. "Alisando nuestro pelo." *La Gaceta de Cuba*, 1: 70-73.

Kilomba, Grada. 2019. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó.

Lopes, Dailza Araújo e Angela Figueiredo. 2018. "Educação Antirracista e Ciberativismo: Experiência de Coletivos De Mulheres Negras Crespas e Cacheadas no Facebook e em Salvador/BA." *Sitientibus*, 59: 15-22. <https://periodicos.uefs.br/index.php/sitientibus/article/view/4883>.

Mattos, Ivanilde Guedes de. 2015. "Estética afro-diaspórica e o empoderamento crespo." *Pontos de Interrogação*, 5 (2): 37-53. <https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/2164>.

Munanga, Kabengele. 1999. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes.

Munanga, Kabengele. 2010. "Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo." *Cadernos Penesb-Periódico do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira (Especial curso EREB)*, 12: 1-384.

Nobles, Wade. 2009. "Sakhu Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado." In *Afrocentricidade: uma abordagem inovadora*, editado por Elisa L. Nascimento, vol. Sankofa: matrizes da cultura brasileira, 277-298. São Paulo: Selo Negro.

Noguera, Renato. 2019. "O poder da infância: espiritualidade e política em afroperspectiva." *Momento: Diálogos em Educação*, 28 (1): 127-142. <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8806>.

Quijano, Aníbal. 2005. "Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina." In *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*, editado por Edgardo Lander, 227-278. Buenos Aires: CLACSO.

Schucman, Lia Vainer. 2014. "Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana." *Psicologia & Sociedade*, 26: 83-94.

Sodré, Muniz. 2018. "Uma lógica perversa de lugar." *Revista Eco-Pós*, 21 (3): 9-16. https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/22524.

Sovik, Liv. 2004. "Aqui ninguém é branco: hegemonia branca e media no Brasil." In *Branquidade: identidade branca e multiculturalismo*, 363-386. Rio de Janeiro: Garamond.